

“QUE PEDIRÁS, OH SENHORA, QUE VOS NEGUE O BOM JESUS?”: CULTO MARIANO E EPIDEMIA DE CÓLERA NO INTERIOR DO CEARÁ (1855-1862)

Paulo Henrique Fontes Cadena
Jucieldo Ferreira Alexandre

Resumo: O artigo analisa como – na conjuntura de aproximação de uma epidemia, entre 1855 e 1862 – a região do Cariri, no interior do Ceará, recorreu à Virgem Maria como meio de defesa frente ao cólera. A partir de cartas de sacerdotes e orações publicadas no jornal “O Araripe”, demonstramos como a doença foi representada a partir de um olhar penitencial, pautado na ideia de castigo divino, e como a devoção mariana foi evocada no auxílio dos amedrontados fiéis.

Palavras-chave: Cólera, representações religiosas, culto mariano.

“What thou shalt ask, oh lady, who deny you the good Jesus?” Marian devotion and cholera epidemic inside Ceará (1855-1862)

Abstract: The article analyses how – on conjuncture of approaching of an epidemic, between 1855 and 1862 – the region of Cariri, inside Ceará, turned to Virgin Mary as a mean of defense before the Cholera. Starting from priests' letters and prayers published in the newspaper “O Araripe”, we establish how the disease was represented from a penitential view, based on the idea of divine punishment, and how the Marian devotion was raised on helping of the frightened faithful.

Keywords: Cholera, religion representations, Marian devotion.

¿“Qué pedirás, oh señora, que niegue-te el buen Jesús?”: culto mariano y epidemia de cólera en el interior del Ceará (1855-1862)

Resumen: El artículo analiza cómo – en la coyuntura de aproximación de una epidemia, entre 1855 y 1862 – la región del Cariri, en el interior de Ceará, recurrió a la Virgen María como medio de defensa frente al cólera. A partir de cartas de sacerdotes y oraciones publicadas en el diario “O Araripe”, demostramos cómo la enfermedad fue representada a partir de una mirada penitencial, pautada en la idea de castigo divino, y cómo la devoción mariana fue evocada en el auxilio de los amedrentados fieles.

Palabras clave: Cólera, representación religiosa, devoción mariana.

Doença e práticas penitenciais

No dia 21 de maio de 1862, Félix Aurélio Arnaud Formiga, vigário da freguesia de Missão Velha – situada na região do Cariri, no sul do Ceará – redigiu carta ao bispo diocesano, Dom Luís Antônio dos Santos. A correspondência foi redigida em momento de forte tensão naquela região, pois, desde fins de abril, várias localidades viam-se atacadas por surto epidêmico de uma das doenças mais letais no Oitocentos: o cólera¹. Na missiva, o vigário relatava o estado lamentável em que se achava Missão Velha, chamando atenção, particularmente, para como fizera da epidemia o mote para a ação pastoral:

¹ Enfermidade infectocontagiosa, a transmissão do cólera ocorre pelo consumo de água ou alimentos contaminados pela bactéria *Vibrio cholerae*. Ao se instalar no intestino humano, o vibrião causa náuseas, cólicas abdominais, vômitos e violenta diarreia, ocasionando intensa perda de sais minerais e água. A desidratação faz a pele perder a elasticidade, surgem olheiras profundas e as mãos ficam enrugadas; na sequência, ocorre a algidez (resfriamento do corpo), queda da pressão arterial, supressão da secreção urinária e colapso circulatório (BIER, 1994). Em meados do século XIX, período aqui pesquisado, apenas se especulava as formas de contágio e tratamento adequado para combater sua manifestação, a despeito da terrível marcha pelo mundo, percorrendo o Oriente e o Ocidente. A descoberta de seu agente transmissor se deu apenas no ano de 1883, pelo médico alemão Robert Koch (1843-1910), o mesmo que descobriu, um ano antes, o agente causador de outra doença símbolo do século XIX, a tuberculose.

Vossa Excelência, até hoje tenho conservado o povo de minha Freguesia em contínua penitência, fazendo novenas a São Sebastião, a Nossa Senhora das Dores, a Santa Rita, a São José, Padroeiro da Freguesia, celebrando a Festa da Semana Santa e finalmente fazendo os exercícios do Mês Mariano – que costume fazer todos os anos em minha Freguesia, e presumo, que Vossa Excelência levará a bem que eu continue até findar essa devoção (DHDPG, 1862a, s/p)².

A quadra pestilenta, portanto, inspirou o sacerdote a reforçar o estímulo à penitência na paróquia, especialmente pela realização de novenas a santos conhecidos pelo poder de intercessão em crises e momentos de angústia: São Sebastião (tradicional orago defensor contra a peste), São José (patrono dos moribundos e da boa morte), Santa Rita (padroeira das causas impossíveis) e Nossa Senhora das Dores, sobre quem discorreremos mais à frente.

Subjacente às ações do padre Félix percebe-se a existência de representações e práticas a respeito da expiação coletiva como mecanismo de luta contra o cólera, por meio da obtenção da piedade divina. O próprio autor da missiva demonstra isso, ao afirmar: o apelo feito aos paroquianos inspirava-se no exemplo do Pe. Ignácio de Sousa Rolim – de Cajazeiras, freguesia paraibana circunvizinha ao Ceará. Desde o aparecimento do cólera na cidade de Sousa, Rolim “chamou o povo à penitência e nela o tem conservado até agora com tal fortuna, que tendo sido aquela freguesia [Cajazeiras] circulada pelo flagelo, ali ainda não tocou” (DHDPG, 1862a, s/p).

Nas homílias, Pe. Félix esforçava-se em convencer os paroquianos sobre a peste não ser tão terrível e menor se tornaria “com as nossas súplicas e mortificações do que temos muitos exemplos na História” (DHDPG, 1862a, s/p). Diante das mortes sucedendo-se implacavelmente nas ruas e do medo a grassar, o vigário, afirmava, comoveu alguns fiéis, levando-os a emendar atos, reconciliando-se com a Igreja e demais pessoas a sua volta:

Devo dizer mais a V. Ex^a. que tenho pregado em quase todos os Domingos, como me tem permitido a minha fraqueza e incapacidade intelectual, foi meu primeiro cuidado falar sobre o perdão das injúrias, inimizades, e tenho a fortuna de asseverar a V. Ex^a. que tem havido uma geral reconciliação nesta Freguesia, de sorte que não me consta haver presentemente alguma malquerença: muita gente que por indiferença, ou outros motivos não se confessavam havia muito tempo, e pareciam rebeldes, tem procurado a confissão sacramental, alguns amancebados se estão habilitando para se casarem e outros tem saído desse miserável estado; e finalmente, Exm^o. Senhor, não me tem parecido sem fruto o chamamento à penitência, em cuja prática, muitos se tem convertido à vista da penitência doutros (DHDPG, 1862a, s/p).

Na fala do religioso, percebe-se o pânico em torno do cólera estimulando os paroquianos a reatarem relações, perdendo injúrias dos inimigos. *Pari passu*, muitos fregueses, descritos como indiferentes e rebeldes, estariam buscando a confissão sacramental, provavelmente por temor de morrerem sem a absolvição dos pecados. De modo similar, o matrimônio era sacramento buscado em abundância naquela conjuntura, pois algumas pessoas vivendo relações conjugais sem o crivo da Igreja, os amancebados citados na carta, se dispunham a casar. Outros, habitando da mesma forma, saíam desse miserável estado, significando, possivelmente, que concubinatos eram desfeitos, devido à preocupação de evitar perecer no pecado.

² Optamos por atualizar a grafia das fontes citadas no artigo, mantendo a pontuação original. A medida visa deixar a leitura mais dinâmica e acessível aos leitores.

A busca por casamento na quadra pestilenta não foi episódio localizado apenas na freguesia de Missão Velha, sendo visível em outras localidades do Cariri. Carta da mesma época, redigida por José Tavares Teixeira, vigário da freguesia de Nossa Senhora das Dores, em Assaré, traz o cólera descrito como “anjo exterminador” a ferir o povo por “consequência de seus imensos pecados”, nos quais o próprio sacerdote se incluía: “principalmente os meus, que são os maiores” (DHDPG, 1862b, s/p). Ante os apuros da peste, padre José Tavares – tal como o irmão de batina e barrete, Félix – chamou o povo à penitência, a se mostrar “contrito e arrependido de suas iniquidades”. No panorama penitencial, alguns concubinos também fizeram petições de casamento. Por efeito da disposição mostrada pelos infelizes fregueses, o pároco do Assaré pretendia aproveitar ao máximo a lamentável situação deles, daí porque demandava autorização do bispo diocesano para simplificar os proclamas matrimoniais, acelerando a oficialização dos enlaces:

Para aproveitar a boa disposição e mesmo situação desses infelizes, que estão agora assombrados com o horror de sua lamentável situação, ser-me-á preciso prescindir dalgumas formalidades como dispensa de banhos dos fregueses ou suas naturalidades depois dum maduro exame a respeito: Digne-se V Ex^a Rm^a. advertir-me se este procedimento merece sua aprovação (DHDPG, 1862b, s/p).

Diante do exposto, nota-se o clero caririense aproveitando-se do cenário amedrontador do surto para reforçar pregações a respeito do pecado inerente aos homens e da penitência como forma de agradar a Deus. Por meio de novenas, procissões, sermões, do estímulo aos sacramentos, entre outras práticas devocionais e litúrgicas, os sacerdotes instavam a população cercada pelo cólera a se redimir e, dessa forma, abrandar a ira celestial.

A representação da enfermidade como determinação celeste é fenômeno de ampla duração. Ao longo do tempo, tal percepção foi constante e praticamente se estende a todas epidemias (ADAM; HERZLICH, 2001). A literatura antiga traz indícios disso: na *Ilíada*, Apolo é arqueiro que dizima as tropas, atingindo-as com “mal pernicioso” (DELUMEAU, 1989, p. 113). No Antigo Testamento, mais precisamente no livro do Êxodo, lahweh envia a peste, e mais outras nove pragas, sobre os egípcios, antes da fuga dos israelitas liderados por Moisés. Na época medieval, os surtos de peste negra na Europa engendraram explicações similares. Conforme Giovanni Boccaccio, a peste na cidade de Florença, em 1348, fora motivada em “razão de nossas iniquidades” e “atirada sobre os homens por justa cólera divina e para nossa exemplificação” (BOCCACCIO, 1971, p. 13). Dando exemplo mais contemporâneo, a expansão da AIDS nas últimas décadas do século XX não deixou de despertar discursos moralistas e religiosos, alegando indícios de “condenação divina de uma sociedade que não vive conforme os mandamentos de Deus” (SONTAG, 2007, p. 124).

A historiografia vem demonstrando que surtos epidêmicos de doenças díspares no Ocidente foram representados, nos contextos históricos específicos, a partir de imagens semelhantes, entre as quais a da doença como sinônimo da vontade celeste. Na presença do terror causado por epidemias – quando a morte aperta ao mesmo tempo a todos – recorrer a Deus é tentar subjugar a adversidade da peste, pois, conforme a fé das pessoas, a Ele tudo seria possível. Para George DUBY, versando sobre epidemias de outrora, diante “de um mal desconhecido, o terror é imenso. O único recurso é o sobrenatural. Reivindica-se a graça do céu e retiram-se de suas tumbas os Santos protetores” (DUBY,

1998, p. 80). Portanto, a epidemia do cólera, que alcançou o Cariri cearense em meados do oitocentos, não deixou de ser representada a partir desse tradicional imaginário, lendo a doença qual castigo divino, instituindo práticas votivas e penitenciais na busca de redimir a população e assim alcançar a clemência celeste.

Desde 1855, quando o cólera aportara no Brasil, a enfermidade passou a ser alvo de apreensão no Cariri, especialmente nos anos de 1856 – tempo da explosão da epidemia em Pernambuco, província fronteira àquela região –, 1862 e 1864 – ocasiões de dois surtos da moléstia no Ceará. Foi no cenário de apreensão que o semanário “O Araripe” – impresso na cidade do Crato e editado por profissionais liberais, proprietários rurais e comerciantes ligados ao Partido Liberal –, publicou centena de textos a respeito do cólera, divulgando a marcha deste, as localidades atacadas, o número de vítimas, os problemas de abastecimento, indicando remédios em voga, criticando ou elogiando as ações das autoridades locais e provinciais no trato da moléstia, entre outros temas. Ao tratar da peste, mesclou de forma criativa discursos políticos, científicos e populares, demonstrando, assim, o caleidoscópio de olhares com os quais o fenômeno foi apreendido então, ou seja: a forma do cólera ser representado pelos sujeitos históricos responsáveis pelo órgão a partir do lugar social ocupado pelos mesmos em meados do século XIX.

Para os propósitos desse artigo, importa abordar como textos publicados no “O Araripe” representaram o adoecer também pelo viés religioso, cujos traços estão presentes nas missivas citadas há pouco. Na capa de 17 de novembro de 1855, por exemplo, após criticar as estratégias de quarentena adotadas contra viajantes pelo delegado de polícia do Crato e reivindicar série de ações higienizadoras para as ruas da cidade, concluía:

Agora a nosso Reverendo Pároco corre o dever de chamar o povo à oração, para pedirmos a Deus [que] não nos fulmine com esse terrível flagelo. O que não alcançarmos por meio da oração, nunca obteremos com medidas preventivas; só a infinita bondade de Deus nos pode preservar desses males de que somos dignos; portanto o Pároco chame o povo à oração, este é o seguro meio de alcançar a graça. Elevemos nossas preces, elevemos nossos corações a Deus para lhe pedir as cousas, que nos são necessárias; é o gemido da alma em sua inteligência; que se dirige ao Autor de todos os bens para solicitar dele a sua misericórdia, e atrair os socorros de que precisamos (O ARARIPE, 1855, p. 1).

É conveniente realçar a afirmação do texto: independentemente de qualquer medida profilática a ser adotada, só a misericórdia divina – a partir das súplicas do vigário e da população – impediria o flagelo. Dessa forma, as medidas sanitárias defendidas pela medicina do período, tão propaladas pelo jornal em outros textos, e as ações das autoridades na prevenção e trato do cólera pareciam ser anuladas totalmente, perdendo a eficácia: diante da vontade do “Autor de todos os bens”, só a penitência parecia válida.

Por meio dessa chave de leitura da epidemia explica-se a publicação de nove orações no ano de 1856. Não há informação sobre a autoria das deprecações impressas no jornal. “O Araripe” costumava reproduzir textos publicados originalmente em periódicos de outros pontos do Império e nem sempre deixava claro a origem dos mesmos. Tais orações podiam se incluir nesses casos e foram apregoadas na seção a pedido, ou seja: gravadas sobre encomenda. Não por acaso, a maior parte delas foi publicada na quarta página do periódico, espaço normalmente dedicados aos anúncios.

Haja vista a apreensão que a aproximação do cólera causava, talvez sacerdotes ou leigos piedosos as tenham enviado à redação do “O Araripe”, bancando o custo da publicação como ato de caridade anônima, seguindo preceito evangélico: “quando der esmolas, que a sua mão esquerda não saiba o que está fazendo a direita” (BÍBLIA, Mateus 6:3). Todavia, a falta de precisão autoral das preces não minora o significado para as pessoas daquele período que as recitaram e ouviram: representavam piedosos mecanismos de combate à peste ameaçadora. Ante o momento de medo ocasionado pela iminência da epidemia, é provável que elas tenham tido grande circulação, instituindo práticas votivas e penitenciais.

Elaboradas em forma de poesia – provavelmente como recurso de oralização, facilitando a memorização por parte das pessoas –, foram dedicadas a São Sebastião e São Roque (uma oração para cada orago) – santos tradicionalmente invocados nos surtos epidêmicos –, Jesus Cristo (duas orações) e Santa Maria, sob diferentes invocações (cinco orações). A proeminência de deprecações dedicadas à Virgem chama atenção e será alvo de análise central deste artigo.

“Livrai-nos, mãe amorosa, oh Virgem do Livramento!”

Da peste que nos assola
Com tanta fúria e tormento,
Livrai-nos Mãe amorosa,
Oh Virgem do Livramento.

Pois por ela combatidos,
Já perdemos o alento;
Dai-nos conforto e coragem
Oh Virgem do Livramento.

Do vosso império, Senhora,
Ouvi o triste lamento,
Pois sois nossa protetora
Oh Virgem do Livramento.

De Deus ao justo castigo
Quem se julgará isento?
Intercedei por nós todos,
Oh Virgem do Livramento.

Para que livres do Cólera
Cheios de contentamento
Cantemos vossos louvores,
Oh Virgem do Livramento.

D'emendar nossos delitos
Recebei o juramento
Santificai nossa jura,
Oh Virgem do Livramento.

Sede nossa defensora
Agora e em todo momento;
Livrai-nos de todo o mal
Oh Virgem do Livramento (O ARARIPE, 1856a, p. 4).

A deprecação acima foi divulgada no dia 17 de maio de 1856, na quarta página do “O Araripe”, junto a outras duas orações dedicadas à Maria. Composta de vinte oito versos, divididos em sete estrofes com estribilho final, a súplica foi consagrada à Virgem do Livramento, devoção iniciada por

fidalgos portugueses no conturbado período da União Ibérica, entre fins do século XVI e primórdios do XVII (LIMA JÚNIOR, 2008, p. 234). Impressa na cidade do Crato, fronteira com Pernambuco, à época tomado pelo cólera, a prece não podia ser mais clara: implorava a mediação da Virgem para livrar os habitantes do Cariri da contaminação epidêmica, justo castigo de Deus, com fúria e tormento, a flagelar os pecadores do Império brasileiro. Reconhecendo as falhas e justeza da punição e falando na primeira pessoa do plural – como a querer abarcar a multidão amedrontada pela ameaça celeste –, a oração recorre à mãe amorosa, jurando emendar delitos para que se livre do cólera pela intercessão dela e então cantar os louvores à defensora.

A súplica à Senhora do Livramento indicia como o culto aos santos foi elemento marcante do catolicismo popular brasileiro. Desde o período colonial, relação de intimidade e afetividade construiu-se entre devotos e patronos celestes. Para Rita de Cássia Marques, os santos estavam presentes em todos os momentos e lugares do cotidiano colonial. Eram os primeiros a ser solicitados na hora da doença: “Nessa hora, não era preciso ir à igreja para solicitar os favores; as casas tinham quase sempre uma ou mais imagens colocadas em oratórios, pequenos nichos ou mesmo estandartes à porta” (MARQUES, 2005, p. 16).

A relação devoto/santo era marcada pelo caráter doméstico e direto, sem intermediação, inclusive de padres, raros em determinados lugares da colônia. Diante das doenças – eventos vistos como de origem sobrenatural –, da força da natureza, da necessidade de bens materiais e vantagens sociais, os habitantes da colônia recorriam a diversos santos, instituindo contratos simbólicos do tipo “toma lá dá cá”. As promessas, por exemplo, eram ocasiões nas quais o devoto oferecia algo em troca da intercessão mediada pelo patrono. Segundo Laura de Mello e Souza, “predominaram, com referência aos santos, as relações afetivas, a busca de aproximações, a familiaridade maior. Mas [...], houve momentos de cólera e de agastamento, na linha da economia religiosa da troca não atendida” (SOUZA, 1986, p. 122). A relação de intimidade entre santos e fiéis era tamanha a ponto de, quando as graças almejadas não eram concedidas, imagens sacras serem detratadas, decepidas, postas de cabeça para baixo, entre outras punições perpetradas.

No geral, cada infortúnio físico tinha santo especialista: nas dores de dentes, Santa Apolônia era invocada. Os fiéis tendo feridas nos braços ou pernas contavam com o auxílio de Santo Amaro. São Brás era chamado para curar os problemas de garganta. Os olhos tinham a padroeira Santa Luzia e Santa Brígida socorria aos padecentes com dores de cabeça. Em partos complicados, Santo Abelardo era o recurso (RIBEIRO, 1997, p. 97).

Tendo em vista o imaginário sobre a presença dos santos no cotidiano dos brasileiros de outrora, havia também oragos especialistas no combate às moléstias epidêmicas. Roque e Sebastião eram intercessores dos mais invocados nessas ocasiões, visto serem representados a partir de longo histórico de atuação no combate às enfermidades. Assim sendo, de modo parecido com o ocorrido nos surtos de peste negra dos séculos passados e no cotidiano das doenças coloniais, o oitocentista “O Araripe” também publicou orações com representações dos dois santos especialistas em época de epidemia³. Para as pessoas que vivenciavam quadra tão funesta, “era preciso colocar todas as

³ Na edição 44, foi impressa prece em honra de São Sebastião, representado como advogado no livramento da peste filha do pecado (O Araripe, n. 44, p. 4, 10 maio 1856). Já a edição 47, apresentou oração dedicada à São

possibilidades de seu lado e, portanto, abrandar o Todo-Poderoso encolerizado recorrendo às preces dos intercessores mais qualificados" (DELUMEAU, 1989, p. 149). Todavia, quem teria maior gabarito para conseguir a piedade divina que Maria, a Mãe de Deus? Essa conclusão exara no rogo abaixo:

Socorrei-nos, oh Maria,
Entre as mulheres bendita,
Que no ventre encerrastes
A natureza infinita.

Salve Rainha excelsa dos anjos
Lá dos céus a glória e brilho,
Mãe de Misericórdia alcançai-nos
Do vosso divino filho.

Nas tempestades da vida
És a estrela bonançosa,
Que nos despontas no Céu
Sempre brilhante e formosa.

Amainai pois, oh Senhora,
Esta horrível tempestade,
Desassombrai-nos, e dai-nos
A paz e serenidade.

Arca santa imaculada,
Tão pura e cheia de graça,
Sede a nossa salvação
Neste pego de desgraças.

És Mãe do Deus, que humanado
Por nós expirou na cruz,
Que pedirás, oh Senhora,
Que vos negue o Bom Jesus?

Também és mãe carinhosa
Dos aflitos pecadores
És o refúgio que temos,
Nas amarguras e dores.

Advogada celeste,
Desta pobre humanidade,
Perdão, Senhora, alcançai-nos,
Da divina Majestade.

Dissipai a cruel peste,
Poderosa Intercessora,
Como a cabeça esmagastes
Da serpente enganadora.

Dando à luz o Redentor,
Oh prodígio sem igual!
Inda na terra extinguiste
A cruel peste mortal.

Hoje Rainha e Senhora
Na corte celestial,
O que é para vós curar-nos
Desta peste corporal?

A natureza, Senhora
Ao vosso filho obedece,

Roque, destacando a experiência particular do mesmo quando da peste negra do século XIV na França (O Araripe, n. 47, p. 4, 08 jun. 1856).

E vosso filho que a rege,
Não resiste à vossa prece.

Rogai, e serão trocados
Só por vossa interferência
De Deus os terríveis raios
Em sorrisos de clemência.

Recolhei nossos lamentos
Em vosso seio materno,
E lançai nesta agonia
Sobre nós um olhar terno.

Mostrai-nos, oh Mãe piedosa,
Que no Céu, onde fulgurais,
Não esqueceis vossos filhos
Neste exílio de amarguras.

Socorrei-nos, Virgem Mãe,
Pela vossa Conceição,
Pelas dores, que sofrestes
Do Salvador na Paixão (O ARARIPE, 1856a, p. 4).

A oração, repleta de metáforas, com dezesseis estrofes de quatro versos cada – nitidamente construída a partir de adaptações e paráfrases de outras preces tradicionais marianas, como Ave Maria, Salve Rainha, Lembrai-vos de São Bernardo e Ave, Maris Stela (Ave, Estrela do Mar) –, apela para o caráter dúplice da maternidade de Maria, mãe de Deus e dos homens na tradição católica. A súplica ao caráter maternal da santa sobressai na fonte: os filhos, perante horrível tempestade, solicitam a mediação de Maria junto à Jesus, que é homem e Deus ao mesmo tempo, assim transformando terríveis raios em sorrisos de clemência. Representado como forte borrasca repleta de raios a cair do céu, o cólera surge como castigo divino pelos pecados humanos, daí a razão da prece: recolhendo os lamentos dos filhos em seu seio, Maria poderia conseguir a misericórdia do divino filho. Uma ordem hierárquica se apresenta claramente: Deus – que se fez homem por sua vontade – reina sobre a natureza, tendo, deste modo, poder para enviar a cruel peste contra os pecadores. Não obstante, o bom filho nada nega à mãe. Nesta brecha a ação intercessora de Nossa Senhora é justificada.

Interessante também é ver a resignificação da representação da Virgem esmagando a serpente com os pés, tradicionalmente vista como vitória sobre o demônio e o pecado original simbolizados no réptil tentador que fez Eva cair em perdição (MEGALE, 2001, p. 149), passagem presente em Gênesis, 3:15, com ressonância em Apocalipse, 12:1-9, teologicamente imputada à figura de Maria pelos católicos: se fora capaz de derrotar a cobra enganadora por dar à luz ao redentor, era capaz de dissipar e extinguir a cruel peste mortal.

As considerações a respeito da eficácia da maternidade divina fizeram da santa "advogada", tida como mais poderosa no trato das doenças ao longo de séculos. A iconografia consagrou tal imaginário, ao representar Maria com o manto estendido, impedindo que as flechas – símbolo das enfermidades – enviadas do Céu atingissem a humanidade ou ela "reinando em glória entre os santos antipestilentos e recebendo por seu intermédio as preces dos doentes" (DELUMEAU, 1989, p. 78).

Em díspares temporalidades e espacialidades, a confiança no poder profilático de Maria frente às epidemias foi sendo reafirmada. As calamidades sanitárias das grandes cidades europeias na primeira metade do XIX são exemplos da força da devoção. Em 1832, quando Paris sofria as agruras

do cólera, a medalha milagrosa de Nossa Senhora das Graças tornou-se célebre. Dois anos antes, a religiosa Catarina Labouré teria tido colóquios com a Virgem, na *Rue du Bac*. Maria teria revelado à freira o modelo da insígnia a ser cunhada e propagada como fonte de graças. Justamente na catástrofe do cólera, quando a morte flagelava a capital francesa, as medalhas ganharam as ruas (VAUCHEZ, 2013, p. 26).

A força da fé dos devotos na potência da Mãe de Deus indicia o porquê de, das nove orações publicadas no “O Araripe” em 1856, cinco serem a ela consagradas. Conforme Luiz Mott, um dos “traços mais marcantes da espiritualidade luso-brasileira sempre foi a devoção preferencial de nossos colonos por Maria Santíssima” (1997, p. 184-185). Nenhum santo foi mais cultuado no Brasil, afinal sua superioridade ante todos bem-aventurados tornava-se inquestionável por ser considerada a Mãe de Deus. Era, pois, invocada “sob seus diversos títulos, presentes nos sermões, nas preces, nas festas consagradas à Virgem ou ainda como titular de igrejas e irmandades coloniais” (VIANA, 2007, p. 100). Estava presente nos múltiplos momentos da vida dos fiéis, do nascimento (Nossa Senhora do Ó, do Bom Parto, da Expectação, da Conceição, entre outras) à morte (Nossa Senhora da Boa Morte, da Boa Viagem, do Carmo etc.).

Destarte, as orações marianas publicadas no “O Araripe” evidenciam o peso da imagem de Maria na vida das pessoas naquele contexto. Inclusive, ela é a padroeira do Crato, sob invocação de Nossa Senhora da Penha, cidade na qual foram impressas as preces, entre maio, mês mariano, e junho de um ano assobrado pelo prenúncio da peste.

No seu conjunto, as virtudes de Maria são enfatizadas nas cinco deprecações publicadas. A pureza virginal do ventre – claustro puro e inocente que abrigou Jesus –, a formosura física e espiritual – adjetivada como aurora ileso –, a piedade infalível para com os filhos e a firmeza de vencedora imortal contra a serpe impura: todos esses elementos são utilizados numa das publicações, reafirmando a capacidade da mãe de amar profundamente seus devotos, não consentindo que a peste os atormente (O ARARIPE, 1856a, p. 4).

Não obstante, para além dos atributos qualitativos e divinos da Virgem, um dos elementos a chamar atenção nas preces aqui analisadas diz respeito à evocação de experiência típica dos seres humanos: a vivência da dor. Malgrado as virtudes celestes emanadas da imaculada concepção – as quais, segundo o dogma católico, isentaram do pecado original e das dores do parto a “sempre virgem Maria” –, ela padeceu enquanto humana, mulher e mãe, ao ver os suplícios dolorosamente experimentados no sacrifício da cruz pelo divino filho: “Socorrei-nos, Virgem Mãe/Pela vossa Conceição/Pelas dores, que sofrestes/Do Salvador na Paixão” (O ARARIPE, 1856a, p. 4).

O culto aos sofrimentos de Maria é praticado, principalmente, na invocação à Nossa Senhora das Dores, oficializada no século XVIII pela Igreja Católica (MEGALE, 2001, p. 192), mas inspirada em devoções similares há muito existentes, como Nossa Senhora das Angústias, da Soledade, das Lágrimas, do Pranto, do Calvário e da Piedade, tendo, inclusive quase mesma representação

imagética: uma mulher em pé, chorando copiosamente e, geralmente, expondo o coração inflamado e machucado por uma espada ou sete punhais⁴.

É corriqueira, também a existência de expressivas imagens articuladas, ou de roca, de tamanho natural, com perucas e vestes de tecido azul ou roxo, dando intensidade às mesmas, fazendo delas quase imagens vivas para quem as observa. Foi provavelmente uma dessas que padre Antônio Vieira citou, em sermão dedicado às Dores da Virgem, ao apontar: “vejam agora os olhos naquela piedosa imagem viva sem vida, e morta sem poder morrer” (VIEIRA, 2015, p. 262). É sobre as representações das dores de Maria e sua invocação contra as agruras humanas que trataremos a seguir.

“Pelas vossas dores, contemplai senhora os feitos da peste”

Oh mãe do Deus homem,
Oh Virgem das Dores,
Volvei vossos olhos
Para os pecadores.

Verás, como aflito
Geme agora o povo,
Sofrendo os rigores
De um castigo novo (O ARARIPE, 1856b, p. 4).

Com as palavras supracitadas, teve início à prece dedicada à Nossa Senhora das Dores publicada pelo “O Araripe”. Contando com quarenta e oito versos, divididos em 12 estrofes, foi impressa na edição de 08 de junho de 1856, acompanhada de outras quatro deprecações, distribuídas em colunas de mesmo número, tomando inteiramente a última página do semanário. No introito, a oração evoca a Virgem das Dores, citando a maternidade divina e suplicando-lhe que volva os olhos aos filhos humanos, representados como a gemer, sofrendo os rigores de um castigo. A escolha das palavras que abrem as duas primeiras estrofes do rogo indicia a busca de aproximar as dores da mãe de Jesus dos tormentos aflitivos causados pela ameaça do cólera aos pecadores.

Segundo Marie-France Boyer, a devoção da Virgem Dolorosa lembra cultos pagãos visíveis nas civilizações desenvolvidas às margens do Mediterrâneo, “rituais de luto lúgubres e violentos, associados aos cultos de deusas antigas”, como *Ishtar*, *Ísis* ou *Cibele*, a chorar o falecimento do parente amado, filho, na maioria das vezes, que com “gritos lancinantes arrancam seu cabelo, cravam as unhas na pele e se dilaceram até que o jovem ressuscite”. Para Boyer, a força imagética da *Mater Dolorosa* é explicada por encarnar “ao mesmo tempo a infelicidade humana e sua redenção”. Suas lágrimas “manifestam uma renovação: é a vida, a primavera que brota dos olhos emblemáticos da Madona ‘como a fonte no deserto’” (BOYER, 2000, p. 66).

Ao longo do tempo, o culto foi ganhando novos adeptos e significados. No século XII, São Bernardo de Clairvaux, importante difusor do culto mariano, dedicou diversos textos, entre poemas e sermões, ao sofrimento de Maria. Pela Alta Idade Média, ganhou espaço nas devoções da França, Itália, Inglaterra e Espanha (BOYER, 2000). No contexto do Grande Cisma, iniciado em 1378, com a

⁴ A representação icônica e escultural de Nossa Senhora da Piedade é a que mais destoa das outras, por representar Maria com o corpo morto de Jesus no seu colo, ao contrário das outras a exibirem-na de pé, como que contemplando o rebento na cruz (MEGALE, 2001).

concorrência entre o papa de Roma e o antipapa de Avignon, a imagem da mãe tomada de angústia ao pé da cruz ganhou espaço: “As pietás mostram a Virgem aflita diante das desgraças do tempo” (VAUCHEZ, 2013, p. 264).

Todavia, teria sido o impacto arrasador da peste negra o grande difusor da invocação. O clima de medo, morte massiva, e os tormentos causados pelos bubões a tomar os corpos estimularam a propagação de práticas penitenciais voltadas a santos (DELUMEAU, 1989). Nesse cenário, a humanidade sofredora parecia buscar alento e socorro em Maria, conhecedora das dores por também ser humana e mãe: “Se a Virgem é uma mãe que sofre por seu filho, todos os fiéis são seus filhos” (BOYER, 2000, p. 58).

É justamente desde o século XVI – época da peste – que a obra *Stabat Mater Dolorosa* (Estava a Mãe Dolorosa), atribuída a Jacopone da Todi, passou a emocionar os católicos: “Oh! Quão triste e cruel foi para o seu coração materno o calvário de Jesus” (BOYER, 2000, p. 58). Ela serviu de inspiração para vários músicos e poetas, em diferentes épocas, interpretarem artística e devotamente os desgostos de Maria⁵.

Partindo das palavras atribuídas a Simeão – “uma espada te traspassará a alma” (BÍBLIA, Lucas, 2:35) –, durante a cerimônia de apresentação do recém-nascido Jesus no Templo de Jerusalém, a Igreja Católica fixou no século XVII quais foram as dores de Maria: 1) a profecia de Simeão; 2) a fuga ao Egito no momento do massacre de crianças perpetrado por Herodes; 3) o desaparecimento temporário de Jesus aos 12 anos, quando foi encontrado no Templo a debater com os doutores; 4) o acompanhamento ao calvário; 5) a crucificação; 6) a deposição do corpo, após a morte na cruz; 7) a colocação do filho amado no túmulo (BOYER, 2000, p. 57). Tais momentos, descritos nos evangelhos, teriam sido os que mais maceraram Maria, torturando o peito materno. Por conta disso, as esculturas e estampas, geralmente, representam tais dores através de imagem da mulher que chora copiosamente ao expor o coração em labaredas e ferido por uma espada ou sete punhais.

As chamadas presentes na representação imagética citada indiciam como a Igreja construiu formas elaboradas de pensar a experiência dolorosa de Nossa Senhora. Em sermão consagrado às “Dores da Sacratíssima Virgem Maria”, pregado em 1642, em Lisboa, Padre Antônio Vieira, com a verve de Imperador da Língua Portuguesa, como tituló Fernando Pessoa ao jesuíta, discorreu sobre o “dilúvio incompreensível das dores da Virgem Mãe na consideração da morte de seu Filho” (VIEIRA, 2015, p. 257). Para Vieira, o sofrimento de Maria não se restringiu aos momentos de acompanhamento da *via crucis* e morte do filho, por si só imensamente doridos. O sermão usa a crença teológica de que, no intervalo entre morte e ressurreição, Cristo fora ao Inferno, qual demonstra a oração do Credo, ao afirmar “desceu à mansão dos mortos”. Nestes termos, a progenitora e seu filho teriam compartilhado a passagem pelo Inferno, mas de modo diferenciado: Jesus desceu ao local, mas não sofreu as penas típicas do mesmo; já Maria ficara no mundo dos vivos, vivenciando “os extremos da dor dura como o inferno” (VIEIRA, 2015, p. 257).

⁵ Uma mostra dessa produção pode ser vista no livro “Parnaso Mariano”, coletânea organizada por Abílio Augusto da Fonseca Pinto e publicada na cidade de Coimbra em fins do oitocentos, reunindo poesias, de diferentes datações, consagradas à Virgem. Várias das obras colididas têm como título *Stabat Mater* (ver PINTO, 1890).

Todavia, quais seriam as dores infernais vivenciadas por ela entre a sexta-feira da Paixão e a manhã da Páscoa? A primeira decorria do fato do Inferno ser espaço da “ausência de Deus”. No caso em questão, a presença temporária de Jesus na mansão dos mortos inverteu a mesma, pois “estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no inferno, é estar no Paraíso” (VIEIRA, 2015, p. 258). Não obstante, Maria ficara privada da companhia e vista do amado filho e, ao mesmo tempo, Deus. Nestes termos, sofria bem mais do que os padecentes do inferno: “Amava a Senhora incomparavelmente mais que todas as mães a seus filhos; amava incomparavelmente mais que todos os Bem-aventurados a Deus. Vede que pena seria a sua na privação da presença e da vista de um Filho Deus” (VIERIA, 2015, p. 259).

A ausência danosa do filho/Deus somava-se à pena de sentido infernal. Contrastando os padecimentos cotidianos dos vivos com os dos mortos habitantes do Inferno, Vieira informa que as penas dos primeiros ocorrem de modo sucessivo, ou por partes, ao longo do tempo da vida, sendo, portanto, o contrário do segundo grupo. As penas de sentido do Inferno “padecem-se na eternidade, que é a duração indivisível, e simultânea; e assim não se padecem uma depois da outra, senão todas juntas” (VIEIRA, 2015, p. 260). Nesta acepção, mesmo as dores da paixão de Cristo ocorreram em partes: “primeiro se padeceram as injúrias da prisão, depois os açoites da coluna, depois os espinhos da coroação, e ultimamente os cravos, e a Cruz” (VIEIRA, 2015, p. 260). Ao acompanhar os passos de Jesus, a mãe sofrera esses momentos individualmente. Entretanto, após a morte na cruz, sem a presença do filho, considerando todo o ocorrido vivenciado, Maria viu atarem-se e unirem-se no coração, entre os sagrados peitos que amamentaram o rebento, “todos os tormentos da prisão, dos açoites, da coroa, da Cruz, dos cravos, da lança, e de todos os outros tormentos, e se fez um composto de penas” (VIEIRA, 2015, p. 260).

A dor simultânea, típica do Inferno, vivida por Maria neste momento seria imensa e suficiente, segundo o orador jesuíta, para tirar mil vidas. Malgrado a intensidade, a Virgem não morreu, pois aí entra outra propriedade das dores sentidas no Inferno: seu fogo abrasa permanentemente, mas não consome: “Nesta vida temem os homens a morte, e todos andam fugindo dela: no inferno pelo contrário, todos desejam morrer, e a morte foge de todos” (VIEIRA, 2015, p. 262). Neste sentido, Maria, por amor, sofreu horrivelmente desse fogo, mas não teve o corpo abatido, saindo mais forte, viva e imortal:

O fogo do amor, e dos tormentos de Cristo foi como fogo da terra, que Lhe tirou a vida [...]; o fogo do amor, e tormentos de Maria foi como fogo do inferno, que endurece contra a morte [...]. E este foi o cerco, em que aquelas dores puseram a maior, e mais angustiada alma, tão apertado, que o não podia sofrer a vida, e tão fechado, que o não podia aliviar a morte (VIEIRA, 2015, p. 262).

A representação desse coração alquebrado por aflições e em chamas de amor fez de Nossa Senhora das Dores invocação das mais populares em Portugal e Brasil Colonial. Leigos e clérigos propagandearam o poder milagroso de tal devoção, especialmente em ocasiões extremamente aflitivas. Em seu Santuário Mariano – importante fonte setecentista sobre o culto mariano no império português –, Frei Agostinho de Santa Maria narra visão que Santa Izabel da Hungria tivera de São João Evangelista. Este dissera àquela que após a assunção da Virgem fora premiado com a revelação do primeiro encontro no Céu da “Mãe de Deus com seu amoroso Filho”. No colóquio familiar, as duas

personagens falavam, alternadamente, da agonia padecida por ambos no Calvário: “o Filho em a Cruz e a Mãe em seu coração e em sua alma”. Nessa ocasião, Maria solicitara a Jesus concessão de “singulares privilégios e graças” aos devotos compadecidos das “dores, lágrimas e suspiros” vividos ao pé da cruz. Por isso, Cristo teria estabelecido prerrogativas singulares aos que invocam os sofrimentos da sua mãe, entre as quais se destacava a “proteção e o amparo de Nossa Senhora das Dores” em todos momentos de “adversidades e trabalhos”, especialmente “na hora da morte” (SANTA MARIA apud LIMA JÚNIOR, 2008, p. 127-128).

No caso do Cariri cearense, as primeiras capelas dedicadas ao culto à Virgem das Dores datam do início do século XIX e a piedade em torno dela permanece forte até os dias atuais⁶. Um simbólico testemunho da devoção no Cariri está gravado em laje funerária na cidade de Barbalha. Membro de rica e influente família da localidade, Francisca de Sá Barreto Sampaio morreu em 16 de dezembro de 1881, “rodeada de seus sete filhos que imploram sua glorificação”. Em possível sinal de humildade, em vida, pediu aos rebentos que, ao expirar, fosse inumada diante da porta principal da Matriz de Sto. Antônio, “para sobre suas cinzas passar o Santíssimo Sacramento” todas as vezes quando saíssem as procissões do viático. Para além do benefício de ter Cristo eucarístico passando cotidianamente sobre si, desejava, pela localização do túmulo, “ficar perto de sua querida imagem de Nossa Senhora das Dores”⁷. Provavelmente, Francisca esperava contar com o auxílio da santa de devoção para abreviar as dores no fogo purgatório.

Por meio dos elementos discutidos ao longo deste tópico, pode-se afirmar que a oração de 1856, publicada no “O Araripe” em honra à Virgem das Dores, segue tradição do culto mariano fortemente estabelecida no Brasil desde os tempos coloniais, na qual o fiel tomado pela angústia roga pelo socorro da mãe vencedora do sofrimento. Dotada de amor abundante, ela estaria habilitada a secar as lágrimas, conceder esperança e alegria aos homens e mulheres pedintes da proteção do seu manto:

Excelsa senhora,
Tipo de bondade
Lançai vosso manto
Sobre a cristandade.

Vós, que já passastes
Por grandes tormentos,
Ouvi com ternura
Tão justos lamentos

A quem recorreremos

⁶ Atualmente, na Diocese do Crato, quatro são as paróquias dedicadas à Virgem das Dores: Assaré, Jamacaru, Tarrafas (sob a invocação Nossa Senhora das Angústias) e Juazeiro do Norte. Nesta última, o culto – somado ao do padre Cícero Romão Batista, grande difusor da devoção à Mãe das Dores –, atrai milhões de romeiros anualmente à basílica menor a ela dedicada, especialmente em setembro, quando se comemora sua festa litúrgica. Para além da oficialização como padroeira paroquial, imagens de Nossa Senhora das Dores estão espalhadas por várias capelas e igrejas do Cariri, como na Sé Catedral de Crato, onde se encontra expressiva imagem articulada, em tamanho natural, que emociona fiéis nas procissões dos Passos e do Senhor Morto, a cada sexta-feira santa, subindo e descendo as ladeiras entre a Praça da Sé e o alto do Seminário.

⁷ Os trechos entre aspas seguem a transcrição da lápide presente, ainda hoje, na calçada da Matriz de Santo Antônio. Duas filhas de Francisca de Sá Barreto Sampaio também foram sepultadas no local: Ana Maria de Jesus Sampaio, (1853-1934), cujo apelido era “Naninha”, e Maria Angélica de Jesus Sampaio (1851-1944), conhecida como Vivi. Os sepultamentos atestam o poderio da família que, em pleno século XX, manteve o privilégio de tumba diferencial na igreja, enquanto aos demais mortos de Barbalha restava o cemitério público da cidade.

Nessa extrema dor?
Só a nossa mãe,
Mãe do Salvador (O ARARIPE, 1856b, p. 4).

O texto da oração apresenta o cólera como mal que extinguir pretende a geração de filhos de Maria. Os filhos padecentes, ciosos da misericórdia da mãe para com os sofredores, imploram sua intervenção, pois querem a graça celeste alcançar. Rememorando o peso das aflições vividas pela Virgem, a prece solicita também a ação dela na iluminação dos médicos, tão pouco eficientes no tratamento dos coléricos:

Pelas vossas dores
Contemplai, senhora,
Os feitos da peste
Tão devastadora.

Um raio celeste
Dessa luz divina
Iluminar venha
Nossa medicina.

Para triunfantes
Podermos zombar
Desse desertor
Que nos quer ceifar (O ARARIPE, 1856b, p. 4).

Na oração, a ciência médica surge como carecendo de ajuda divina para dar respostas efetivas ao cólera desertor. O pedido não era em vão: os preceitos científicos que tentaram explicar tal doença eram especulativos e insipientes, até fins do século XIX, e os tratamentos ministrados eram plurais e contraditórios. Em outras palavras: em meados do oitocentos, a medicina pouco podia fazer efetivamente contra a ceifa de vidas provocada pela moléstia.

Diante da devastação causada pela doença, das incertezas da medicina e da consciência do pecado, apelava-se para o Coração de Maria como recurso profilático. Um coração humano, pulsante e piedoso, que sofrera dores incomparáveis, de grande valia para todas as horas, especialmente nas tribulações:

Em qualquer tribulação
Na mais cruel agonia.
Oh! quanto valer-nos pode
O coração de Maria!

[...]
Qual sol, que as sombras da noite
Do triste globo desvia,
Assim nos dissipa os males
O coração de Maria.

Nas cadeias do pecado
Todo o mundo gemeria,
Senão as despedaçasse
O coração de Maria.

Das garras do negro monstro
Ninguém livre se veria,
Se deles nos não tirasse
O coração de Maria.

[...]
Encerra os grandes mistérios,
Tem dos dons a primazia,
É um mar todo de graças
O coração de Maria (O ARARIPE, 1856b, p. 4).

A eficácia do coração era explicada na prece por passagem importante vivida por Maria naquele dia de agonia, quando viu o filho morrer na Cruz. Segundo o evangelho, no momento de aproximação da morte, o crucificado olhou para a mãe, tomada de dores ao observá-lo, e voltando-se para João, o discípulo mais amado disse: "Mulher, eis aí o teu filho. Depois ao discípulo: Eis aí tua mãe" (BÍBLIA, João 19: 26-27). A Igreja Católica, justamente nesses versículos, fundamentou parte do culto dedicado à Maria, mãe do Deus crucificado que a nomeou mãe da humanidade, personificada em João. Nesse momento, o coração dorido da mãe ao pé da cruz transmutou-se em remédio para os que sofrem:

O Divino Redentor
Já na última agonia,
Deixou-nos para remédio
O coração de Maria.

Não quis ficássemos órfãos
Visto que aos céus se partiu,
Deu-nos Mãe, deu-nos enfim
O coração de Maria.

Entre o Filho, e a Virgem Mãe
Existe tal simpatia,
Que só é cristão quem ama
O coração de Maria.

Ó vós todos que sofreis
Qualquer mortal agonia,
Buscai, e sereis contentes,
O coração de Maria (O ARARIPE, 1856b, p. 4).

Considerações finais

A historiografia dedicada às doenças tem contribuído para a percepção de como tais fenômenos ultrapassam a esfera do natural, pois são vivenciados a partir de diferentes contextos e espaços, sendo interpretados socioculturalmente pelos sujeitos históricos, produtores de múltiplas representações e práticas na busca de dar sentido aos mesmos⁸. Destarte, concorrem para a existência das doenças diversos elementos sociais, políticos, religiosos etc., tornando o estudo particularmente instigador aos historiadores.

Ao longo do artigo, buscamos demonstrar de qual modo a aproximação do cólera em relação ao Cariri foi representada pelo jornal "O Araripe" a partir de antiga concepção religiosa que via no sobrenatural a explicação e o remédio para as epidemias a afligir o mundo. Em meados do século XIX, o semanário veiculou textos e orações nas quais invocava Maria como protetora celeste, por conta da crença nos poderes profiláticos da "mãe de Deus e dos homens". A Virgem aparece nas preces publicadas em versos, disseminadas entre os amedrontados leitores tensos com a visita do cólera,

⁸ Para maior aprofundamento sobre a historiografia da doença, ver: Nascimento e Silveira (2004).

ceifeiro de centenas de milhares de pessoas em várias províncias brasileiras e que no ano de 1862 matou mais de onze mil pessoas só no Ceará.

Embasadas na crença da doença como determinação divina, as impressões do “O Araripe” convidavam os leitores, e demais pessoas da região onde circulava, a adotarem atitudes pias para conseguir a misericórdia do Céu, assim afastando o terror coletivo da morte. Nesse sentido, os textos instituíam práticas de contrição, procurando demonstrar e despertar o arrependimento dos pecadores.

Tendo em vista o caráter coletivo das quadras epidêmicas, pois durante sua manifestação “não é apenas um indivíduo que fica doente, mas todos os que estão à sua volta” (ADAM; HERZLICH, 2001, p. 17), atos coletivos eram encetados para debelá-las. Tratando das manifestações da peste negra, Jean Delumeau diz que “as iniciativas individuais não bastavam”. Se a cidade inteira fora tomada pela doença, toda ela era considerada culpada. Conseqüentemente, “sentia-se a necessidade de implorações coletivas e de penitências públicas cuja unanimidade e o aspecto, [...], quantitativo, poderiam talvez impressionar o Altíssimo” (DELUMEAU, 1989, p. 146). Orações públicas, procissões, entre outras práticas penitenciais, eram, assim, instituídas para remissão dos pecados e vitória sobre a peste.

As orações marianas de 1856, estudadas aqui, apontam como imagens consagradas em epidemias ocorridas em séculos passados continuavam a inspirar os devotos a buscar a intercessão da “Santíssima Virgem”, consagrada pela piedade popular como advogada em época de flagelo e de angústia. Demonstra-se, portanto, a força das representações religiosas a respeito das doenças e os ricos sentidos dados às mesmas pelas sociedades humanas ao longo de diferentes espaços e temporalidades.

Fontes

DHDPG – Departamento Histórico Diocesano Padre Antonio Gomes de Araújo. *Carta do Pe. Félix Aurélio Arnaud Formiga a Dom Luís Antonio dos Santos*. 21 maio 1862a. Pasta CRA 15, 47.

DHDPG – Departamento Histórico Diocesano Padre Antonio Gomes de Araújo. *Carta do Pe. José Tavares Teixeira a Dom Luís Antonio dos Santos*. 22 maio 1862b. Pasta CRA, 19, 120.

O ARARIPE. *Edição n. 20*. 17 nov. 1855. Disponível em: <<http://bit.ly/2HxsCx4>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

O ARARIPE. *Edição n. 45*. 17 maio 1856a. Disponível em: <<http://bit.ly/2HxsCx4>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

O ARARIPE. *Edição n. 47*. 08 jun. 1856b. Disponível em: <<http://bit.ly/2HxsCx4>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

Referências

ADAM, Philippe; HERZLICH, Claudine. *Sociologia da doença e da medicina*. Bauru: EDUSC, 2001.

BIER, Otto. *Microbiologia e imunologia*. 30 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. v. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

BOYER, Marie-France. *Culto e imagem da Virgem*. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUBY, George. *Ano 1000, ano 2000: na pista dos nossos medos*. São Paulo: Unesp, 1998.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *História de Nossa Senhora em Minas Gerais: origens das principais invocações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Editora PUC/Minas, 2008.

MARQUES, Rita de Cássia. *A imagem social do médico de senhoras no século XX*. Belo Horizonte: Coopmed, 2005.

MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações da Virgem Maria no Brasil: história, iconografia, folclore*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 121-175.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A doença revelando a história: uma historiografia das doenças. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (Orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004, p. 13-30.

PINTO, Abílio Augusto da Fonseca (Org.). *Parnaso Mariano*. 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1890.

RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VAUCHEZ, André (Org.). *Cristianismo: dicionário dos tempos, dos lugares e das figuras*. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

VIANA, Larissa. *O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América Portuguesa*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

VIEIRA, António. Sermão das Dores da Sacratíssima Virgem Maria. In: CALAFATE, Pedro; FRANCO, José Eduardo (Org.). *Obras completas Padre António Vieira: Sermões de Nossa Senhora*. Tomo II. v. 7. São Paulo: Edições Loyola, 2015, p. 256-262.

Recebido em: jun. 2019

Aceito em: ago. 2019

Paulo Henrique Fontes Cadena: Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Docente do curso de História e do Mestrado Profissional em História da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: cadenapaulo@gmail.com

Juciêdo Ferreira Alexandre: Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Docente da Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: juciêdo.alexandre@ufca.edu.br